

ENTRE DENÚNCIAS E ANÚNCIOS: TECENDO POLÍTICAS E MOVIMENTOS INSURGENTES EM TEMPOS DE EXCEÇÃO

Nós estamos vivendo um momento no nosso Planeta que suspende a todos nós do nosso estado cotidiano. E não podemos operar no automático.(...) A ideia é que vocês tenham alguma experiência daquilo que chamo de fricção com a vida, para não vivermos em câmera lenta. Para vivermos em conexão. (...) Podemos fazer uma experiência de uma conexão que não é só virtual. Podemos fazer uma conexão sensorial, em outros termos, com o propósito desse nosso encontro, porque assim ele fica mais potente e mais animador para todos nós.
(KRENAK, 2020, p.4)

Neste tempo que nos deixa com a sensação de que muitas coisas se avolumam como monturos, alguns fatos nos atravessam, porém nem todos percebem que há provocações que nos transformam. Nem todos os processos educativos interagem de forma poética-estética visando o abrandamento das tensões históricas pelas quais estamos passando.

Neste editorial começamos por expressar nossas homenagens ao companheiro e às companheiras na luta e construção da educação, ciência e dignidade da vida. Em um gesto afetuoso buscamos pessoas que conviveram com as obras de Elza Dely, Mônica Silvestri e Francisco Maturana, cujos legados nos inspiram e motivam a continuar na travessia do tempo.

No seu número 36, os artigos publicados na Revista Aleph envolve amplo espectro de discussões, levantando temas urgentes e insurgentes que podem contribuir para potencializar conexões e fricções geradoras de esperança nas ciências, na arte e na vida, por meio de tessituras de espaços e tempos de denúncias e anúncios. São *devires* que se constroem a partir do agora, mas que não se perdem quando olhamos para o passado e percebemos que o lixo da história nos ajuda a antecipar visões sobre o futuro. Olhar para ações de partilha solidárias de um agora insurgente é potencializar as lutas constituídas por coletivos, oportunizando elaborações de narrativas analíticas e conscientes que estão sendo produzidas, anunciando as histórias de sujeitos cujos corpos pulsantes resistiram e ainda resistem às diferentes formas de opressão que escondem e reaparecem como raízes serpenteantes.

Tempo distópico em que no mundo e no Brasil, especialmente, segmentos da sociedade criam textos e contextos que alimentam diferentes formas de exclusão. Uma das mais proeminentes são as *Fake News* espalhadas como verdades por pessoas que pouco respeitam a si e muito menos aos outros e às instituições. Neste país, apenas recentemente conseguimos chegar próximo de uma universalização do acesso ao ensino

fundamental e sair do mapa da fome. Mas, desde o final da primeira década do séc. XXI, temos visto a criação de novas exclusões que conduzem a população à fome, à miséria, ao desemprego e à morte.

Ler as entrelinhas e as tramas do novo mundo está cada vez mais difícil, mesmo para aqueles que têm um bom nível de escolaridade e que são nativos digitais. Mesmo os que são plugados, ainda não são capazes de lidar com as mudanças, pois o mundo da confluência digital nos dá a sensação de que sabemos menos do que deveríamos. Pois, se poucos sabiam como lidar com as informações das redes de comunicação analógicas, a entrada na era digital deixou muitos desconfiados de tudo e outros se acreditando como desconhecedores e perdidos para identificar as diferenças entre notícia, ciência, fé e manipulação político-ideológica. Ainda no início do século XX, Benjamin (1985)¹ afirmou que as informações infundadas só serviam para confessar a nossa pobreza. Quais são as pobreza destes primeiros vinte anos do século XXI? Temos aquelas visíveis: as formas opressivas e que deixam feridas abertas, evidenciando personalidades ditatoriais e assassinas explícitas. Mas, há as que não são tão evidentes e, como diria Foucault (1977)², *“fazem a amena tirania de nossas vidas cotidianas”*, pois são dissimuladas, embotando os sentidos e a consciência, fazem mesmo você desacreditar de si próprio! Mas, sempre há aqueles e aquelas que se contrapõem aos processos totalitários e criam movimentos críticos e decoloniais, em defesa da vida, da pluralidade, dos conhecimentos científico, filosófico e artístico buscando incluir a diversidade em todos os seus coloridos. Estes, dificilmente estão atrás do poder pelo poder ou de poder financeiro, envolvem-se em ações coletivas e partilhadas para que o enfrentamento político se apresenta como prática dialógica aos que ainda persistem em violar os poucos direitos que conseguimos aprimorar em lutas pela democracia e, em especial, dos povos originários das Américas.

Estamos vivendo tensionamentos constantes à manutenção da normalidade constitucional e da garantia dos direitos, no Brasil e em outros Estados democráticos. São visíveis as fissuras por meio de ações governamentais que produzem ataques por meio de cortes sucessivos de investimento público na educação, saúde, cultura, moradia, meio ambiente, ciência e tecnologia.

Encontramo-nos num momento em que está sendo desvelado um projeto que propositalmente gerou atraso para compra e início no processo de imunização da

¹BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas I: **Magia e Técnica - Arte e Política**. Ed. Brasiliense.

²FOUCAULT, Michel. **Introdução para uma vida não fascista** - Prefácio - in: GUATARRI, Félix e DELEUZE, Gilles. O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia. Editora 34

população brasileira contra a COVID-19. Quando escrevemos esse editorial, tínhamos chegado à marca de mais de meio milhão de mortes pela pandemia (junho de 2021). O desemprego, a miséria e o retorno da fome assola negros, índios e brancos, especialmente pobres e mulheres.

Exigimos respostas, mas as teremos? Por um lado, municípios e estados reabrem escolas sem imunização dos profissionais da educação, crianças e familiares. Por outro, a educação on-line (dentre outras denominações) provoca exclusões devido à exígua inclusão digital gerada pela falta de internet ou de equipamento adequado. Há, também, a manutenção de um paradigma educacional que tem se mostrado excludente. Não basta mudar o suporte educacional, é preciso questionar e produzir, de forma insurgente, novos paradigmas para o ensino, a aprendizagem e, especialmente, para a seleção e vivência dos conteúdos curriculares nas escolas.

A exceção que está posta não produz a experiência reivindicada por Krenak³, porém ainda pulsa, para expressiva parcela da sociedade que se rebela, uma contradição com uma tal "realidade estável". Se uma parte se nega ao conhecimento científico e à própria realidade sensível, há outra parte que se insurge produzindo fios para tecer um amanhã de inclusão e de partilha.

Em momentos de grande crise como o que estamos vivendo, se faz necessário buscar, enxergar e questionar as oportunidades de construção de caminhos outros, buscar por experiências instituintes, fazer percursos pouco lineares e construir coletivamente novas perguntas e outras respostas para aquelas antigas questões. As conquistas advindas das ações do presente exigem o esforço coletivo para que sejam ampliadas, sustentadas e consolidadas permanentemente para todos os setores da sociedade, mas especialmente para os que são alvos de ataques de projeto societal genocida e totalitário.

As respostas/anúncios, iniciativas de apoio e acolhimento de população e culturas vulneráveis; ampliação dos movimentos de luta pelo respeito à diversidade em todas e quaisquer que sejam as diferenças, desde o enfrentamento aos racismos, ao extermínio das crianças, ao capacitismo e às fobias em relação aos diferentes modos de expressão de gêneros, ecoam múltiplas vozes que vêm afetando as (nossas) vidas em diferentes dimensões, anunciando que há como destituir a barbárie.

O momento em que percebemos a existência do caos é também o momento que nos exige reinvenção, pois ao contrário de paralisar/anestesiá-lo, é preciso impulsionar

³KRENAK, A. **Caminhos para a Cultura do Bem viver**. Biblioteca Ailton Krenak, 2020. Disponível em <http://www.culturadobemviver.org/>. Acesso em 05/06/2021.

iniciativas de enfrentamento nas quais se fazem anúncios, disputando narrativas com um certo consenso de barbárie. Ciências e artes produzem conhecimentos como política para o enfrentamento de um tempo de exceção.

Vivenciamos momentos marcantes de luta na escola, na universidade e também nas ruas. É preciso firmar posicionamentos lúcidos que expressam mais do que nossas indignações, nossa vontade de interpelar os abusadores da vida, nos insurgindo contra a barbárie excludente, expressando que o enfrentamento com as forças obscurantistas se dá pela vontade da produção da cultura do amor à pluralidade corporal, de maneiras de ver e de estar partilhando o mundo e, acima de tudo, potencializando rupturas com as lógicas que, em nome de uma "vida útil", querem apagar o direito ao bem viver. *

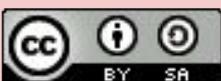
O que surge da urgência imposta por esses tempos de excepcionalidade?

Acreditamos que se insurgir diante dos desafios cotidianos, demanda uma re-significação, no campo do vivido, do nosso ser e estar no mundo que, mais do que nunca, nos chama a realizar, em conexão com a Terra e com a humanidade, um Awê⁴ para as "estrelas", entoadado por expressões diversas de diferentes culturas e pontos do planeta, exigindo RESPEITO À VIDA E À DIGNIDADE HUMANA.

Acreditamos que os artigos a seguir fazem parte deste Awê. Boa leitura!

Dagmar Mello
Erika Leme
Nazareth Salutto
Rejany Dominick
Walcea Barreto

⁴O Awê é um momento para transmitir experiências e conhecimentos por meio de cantos e danças que visam respostas aos desafios na luta de afirmação das culturas indígenas. É considerado como um símbolo de identidade por vinte etnias indígenas do Nordeste, sendo possível entendê-lo como um sistema linguístico de auto-afirmação cultural. Para os Pataxós da Bahia, é um ritual motivado pelo sentimento de pertencimento que simboliza a afirmação da indianidade.



APOIOS



UEPB



Programa de Pós-Graduação em Educação 1971-2018
Mestrado e Doutorado

